

# LÍNGUA PORTUGUESA

## BOLETIM DA SOCIEDADE DE LINGUA PORTUGUESA

Director: António C. Pinho

Série IV — ANO XXX — N.º 2 — Abril - Maio - Junho / 1979

### ÍNDICE

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| AIR PORTUGAL                                                                 | 39 |
| A PROPOSITO DAS TELENVELAS BRASILEIRAS, por José Pedro Machado               | 40 |
| SINTAXE DO PORTUGUES ARCAICO, por Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca       | 42 |
| A RTP E A COLONIZACAO LINGUISTICA, por A. Machado Guerreiro                  | 44 |
| A ATENCAO DE...                                                              | 46 |
| FORMAS POPULARES ALENTEJANAS E ALGARVIAS, por Manuel Joaquim Delgado         | 47 |
| A LINGUA PORTUGUESA NO MUNDO                                                 | 49 |
| O QUE «ELES» DIZEM                                                           | 52 |
| VOCABULARIO REGIONAL DE FERREIRA DO ZEZERE, por Décio Camacho                | 53 |
| COMO «ELES» DEVIAM DIZER                                                     | 56 |
| OS NOMES DAS TERRAS — «CARCAVELOS», por Batalha Gouveia                      | 57 |
| O NOSSO FICHEIRO — III — ILUMINURA E LIVROS ILUMINADOS, por António C. Pinho | 59 |
| CONSULTÓRIO LINGUISTICO, por José Neves Henriques                            | 60 |
| NOTICIAS DE TODA A PARTE                                                     | 62 |
| ARTE POÉTICA, V — LIRA por Mário Bravo                                       | 63 |
| VOCABULARIO DA VINHA E DO VINHO, por José Cruz Tavares                       | 65 |
| NOTICIARIO DA S. L. P.                                                       | 69 |
| — Movimento de Sócios                                                        | 69 |
| — Movimento da Biblioteca                                                    | 70 |
| — Edições da S. L. P.                                                        | 71 |

#### ANEXO:

«Dicionário de Dívidas e Dificuldades da Língua Portuguesa», p. p. 97 a



## O QUE «ELES» DIZEM...

1. «Inadiáveis abriram uma fissura de todo o tamanho» — S.A., «Menos independentes nas bancadas da A. R.», «O Jornal», 20/4/79.
2. «O Ministério dos Negócios Estrangeiros tem a honra de apresentar os seus atenciosos cumprimentos...» — Nota oficiosa de 1/4/79, acerca das negociações comerciais com a República Popular de Moçambique.
3. «Revoga o Decreto-Lei n.º 26/77 de 21 de Junho, e determina que as operações de extracção, transporte e comercialização da cortiça [...] fiquem submetidas a **controlo estadual**» — Resumo do Decreto-Lei n.º 119/79 «Diário da República», I série, n.º 103, 5/5/79 (Presidência do Conselho).
4. «[...] a normalização quantitativa e a disciplina de preços do mercado corticeiro no seu todo e a promoção da **rentabilidade** social e económica [...]» — Preâmbulo do Decreto-Lei n.º 119/79, «Diário da República», I série n.º 103, 5/5/79 (Presidência do Conselho e Ministérios das Finanças e do Plano, da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo).
5. «Parabéns para aqueles que têm os números [...] que **obteram** o 1.º, 2.º e 3.º prémios» — Locutora de serviço na Santa Casa da Misericórdia, durante a extracção de 17/5/79.

(COMO «ELES» DEVIAM DIZER... — Ver página 56)

## SINTAXE DO PORTUGUÊS ARCAICO

(Continuação da pág. 43)

aos sarrazijs (24, B, 63-5); *dizedes que he Rezam deus conhecer senhorio e hir auossas cortes* (27, A, 28-9); *disserom que ffosse com seu padre* (26, A, 71); *Eell veendo que nom queriam fazer o* (28, A, 8-9); *em comendou a seu ffilho que fizesse as lex E foros* (25, B, 39-40); *por que todos entendam que esta he a minha uoontade* (413, B, 65); *pola qual razõ entendemos que el he contigo* (412, A, 28-9); *eton entederõ que prazia a deus do assituameto* (411, A, 27-8); *emtenderom que despojs lhes não auja de prestar nada* (419, B, 20-1); *maginaua [...] que era neçessario / bem viuer* (78, B, 53-4); *Eu uos ffarey que hũũ dia quall uos qutserdes que uaa auossas cortes* (27, A, 34); *ffazer te ey que te ffaçam menagem* (26, A, 62); *ssouberom que sse oenperador guisaua por vijr em purtugall* (26, B, 56); *nom me parece que he bem que vades laa* (417, B, 36-7); *quero que leixedes aqui este uosso sobrinho em penhor* (28, B, 13).

Seguem-se exemplos de orações infinitivas (b): *ora nos he compradoiro de tornar ao seruiço de deus e fazer e esta nobre cidade igreia catedral e elegermos e ela bispo e pastor* (412, A, 21-4); *nom conssentas aos teus homees seer ssobcruosos E atreuudos em mall ffazer* (26, A, 59). Quanto a interrogativas indirectas (c), apresentamos a exemplificação seguinte: *ffoy dicto como elRey dom affonso de portugall tijnha sua madre presa* (27, B, 68-9); *Como e donde descenderom* (26, A, 22); *não consta se o Abemfabela mourro senhor deste lugar foy em esta batalha* (418, A, 61-2); *contoulhes como avya em coraçom de tomar ssantare* (28, B, 43); *Coronjqua de como o Mestre Dom Payo Corea Mestre de Santiago de Castela tomou este reino* (416, A, 5); *e como a cidade de lixhoa foy filhada* (407, A, 25-6); *sse fiquaria* (29, B, 42); *toda auerdade como passara* (27, A, 5); *sabem quem eu soo* (76, B, 59); *soube como aquelas companhas aly erom* (418, B, 32-3).

(Continua)

## VOCABULÁRIO REGIONAL DE FERREIRA DO ZÊZERE

Elementos linguísticos de uma cultura nos regionalismos, costumes, história e nos instrumentos do trabalho de uma região do Ribatejo.

Investigação local e bibliográfica de DÉCIO CAMACHO

### A

**Adubo**, s. c. Excremento animal, fermentado, fora dos currais, na carqueja ou mato, que lhes serviu de cama, pós a rocega nos pinhais. É utilizado na proporção de 50 % com o adubo químico, na convicção, em que ainda se encontram, de que aquele adubo orgânico provoca melhor sabor às plantas.

**Agradecido** (Muito), expr. reg. Traduz-se, aqui, pela retribuição em trabalho ou em produtos hortícolas, no circuito **bons e serviços**. Ver, por favor, em Ajuda, neste Vocabulário Regional. Muito agradecido, leitor...

**Ajuda, Interajuda, Familiarismo e Compadrio**, expr. reg. O tratamento de compadre significa um laço de ajuda, moral e material, recíproca porque entra na estrutura da família alongada — de que os vizinhos beneficiam, tal como os emigrados internos e externos. Dentro das comunidades de aldeia funciona a ajuda do trabalho, quando há necessidade; a pernoita a qualquer forasteiro que de tal necessidade; os recados; a ajuda em qualquer evento social infortunado e aos doentes, tal como em alterações inerentes ao estado civil; ao transporte de compras. Ainda existem ténues vestígios da antiga «Confraria de Ajuda Mútua», manifestamente no acompanhamento de funerais (aspecto religioso). Não se notam, aqui, vestígios do «Patrão», instituído pelos Romanos, com obrigações específicas, e recíprocas, patrão-servo da gleba (talvez por não haver classes sociais predominantes). Ainda existe a doação de terras a um familiar que ampare, durante a Ter-

ceira Idade, outrem. Aqui os sogros são compadres...

**Alimpadura**, s. abs. Lavagem, com água, da azeitona: logo que chega ao lagar. «Alma-penadas», expr. reg. «A alma que persegue e quer pedir alguma coisa». O pedido de raras pessoas, ao Prior, para que «esconjure» é recebido com a seguinte resposta: «Olhe, consulte um médico de doenças nervosas, porque isso não é comigo» (informação do próprio Prior, no ano de 1970).

**Almofada**, s. c. Designação genérica dada à porção de madeira trabalhada, em que assenta qualquer peça a trabalhar ou já trabalhada. A almofada de rosca é o instrumento em que assenta, no meão, o postigo móvel da pipa ou tonel.

«Aquabela», s. reg. e hist. Designação antiga de uma localidade. Eis aqui a sua história: No ano de 1222, Pedro Ferreira e sua mulher, Maria Vasques (Vellasques), concederam um foral aos moradores de uma herdade da fonte de «Aquabela» (Águas Belas, a velha), onde dizia que de novo se chamava vila Ferreiro («...que vocatur de novo villa ferreyro»); e que os moradores acordavam numa obrigação de retribuírem com uma «fogaça» (oferenda festiva) pela festa de S. Miguel. Esta vila tinha, então, dois fogos (T. T.: Códice N.º 233, do Cartório do Convento de Cristo, N.º 9; Doc. N.º 53, de Leitura Nova, Livro de Mestrados, fls. 41; artigo de António Baião, in «Arqueólogo Português», v. XIII, p. 266, A Vila de Ferreira do Zêzere nos sécs. XII e XIII; José Maria Félix, in «Senhora Nossa Senhora Minha, Vila de Rei e suas redondezas»). Esta propriedade

tinha-lhe sido doada por D. Sancho I no ano de 1190. Era a Quinta do Vale de Orjais, situada não longe da Quinta da Alegria, que também lhe fôra concedida nesse ano, como prêmio dos altos serviços prestados, em combate, em Montemor (T. T.: Códice N.º 234, da Ordem da Cristo, fls. 40; e artigo de António Baião, na obra e volume citados acima, pág. 262). Vestígios, ali encontrados: Pelourinho de D. Sancho I, algumas ameias e pedras da época, uma pia sextavada. A antiga Igreja de Santo António foi incendiada por soldados das Invasões Francesas, estando uma sua cruz em cantaria (caída!) na frontaria da Capela da Varela e os tirantes interiores em ferro na Igreja de Águas Belas.

**Até amanhã**, expr. reg. (paragoge fonética). Desejo de voltar a ver, saudando.

**Água**, s. c. (permuta fónica). Água (o «auga» transmontano).

## B

**Barba-lada**, expr. apelat. Designava, em tempos idos, uma figura popular, característica, na freguesia de Plas.

**Barreleiro**, s. c. Para fazer a barreira, antigo aparelho branqueador da roupa formado por um disco em madeira, com bica, no qual assenta um cilindro de cortiça, sobre o que estendiam a toalha com cinza (da «borralheira») e a sabonária quente. Já não é utilizado actualmente.

**Bastir**, s. c. Aparelho, para apertar aduelas, que é assestado ao bojo esventrado de um barril, à volta do qual é passado o seu fio de aço — o **calabro** —, puxando o **fuso**, na extremidade oposta à **cambota**, e apertando as aduelas, com a ajuda da **maça** e do **ferro**. Para as pipas, existe o **bastir-grande**, que tem uma chave de ferro com dois manipuladores, para apertar gradualmente o **calabro**.

**Bater-correia**, s. abs. Empresa familiar, sazonal, subsidiária e complementar da canastraria. Prepara fita, «verga» ou **correia** de castanho.

**Bobragem**, s. c. Mistura de cascas de frutos e de tubérculos com a fruta caída no chão, e — quantas vezes! —

com farinha: tudo bem cozidinho, com água, no panelão de «aquecedor-larino», na granje (as ve e e pequena) cozinha de inverno. Destino: refeições do suíno. Os vizinhos costumam oferecer cascas de frutos e de tubérculos, para este fim.

**Bênção** (A. sua), expr. reg. Maneira de saudar o pai e o padrinho: — «A sua bênção» — «Deus te abençoe». Muitas vezes este pedido de bênção é acompanhado por uma lenga-lenga, de que o padrinho não chega a ouvir o resto (já sabe a cantiga de cor...). Há rapazes que, ao pedir a bênção, dão logo a resposta..., sem que o padrinho diga coisa alguma.

**Bom tarde se Deus quiser**, expr. adv. Saudação que sintetiza uma bonomia de carácter.

**Bodas**, s. c. Celebração profana do casamento, em que actualmente só aparecem 7 pratos diferentes — contra os antigos 14 pratos. Isto era mesmo para quem tinha fome de proteínas animais... (e hoje ainda a há, por falta de uma alimentação equilibrada em nutrientes). Mas já é raro que o noivo compareça de guarda-chuva de seda, como era da regra antiga — e com ele se apresentava na igreja, para a celebração religiosa do enlace. Era o «complexo de ostentação» que a tal nobreza obrigava...

Em face de uma gentileza de sr.ª Emília, dos Outeiros, temos a receita destes pratos regionais.

**Bornalheira**, expr. reg. Aparelho formado por grande quantidade da cinza que, no Verão, ficou da combustão dos caules secos do milho e dos carolos da sua espiga, e foi enterrada, coberta com um plástico (hoje em dia), por causa da chuva e da humidade, acamado por fragmentos de madeira ou varas. É guardada, depois, na **telha**. Em Março é espalhada nas sementeiras dos nabos; e em Abril nas do milho com **beterrabas** entremeadas. Antes, porém, esta cinza foi **joeirada**. **Braçal** (O), s. abst. É o antigo pagamento em trabalho, dado à Câmara Municipal, na limpeza anual das valetas. É conhecido, também, pela **Bada-da-Caminho**.

**Brinquedo**, s. c. O que serve para uma criança, até os 11 anos, brincar (após

esta idade as crianças não brincam). Então, o brinquedo pode ser, até, uma simples caixa de cartão, que, puxada por um cordel, é um «carrinho». Seja como for, será sempre confeccionado por uma criança ou por um grupo de crianças.

## C

**Cabana**, s. c. Antiga habitação do trabalhador rural.

**Cabradas**, s. col. Designação que era dada aos grandes rebanhos mistos de cabras e ovelhas, chegando a atingir as 70 cabeças. Hoje só há vestígios destes rebanhos.

**Cabrão**, s. c. Filho da p.; «Rai's-te-par-tama».

**Cachapoma**, s. c. Pau para apoio pessoal.

**Cagona** (e derivados), expr. reg. Suja.

**Calças-curtas-abertas**, expr. reg., s. c. Traço cultural, já ultrapassado, que consistia no uso de umas calças curtas, abertas à frente e atrás, isto é, que o rapaz facilmente as abria, para fazer qualquer necessidade fisiológica. No ano de 1950 ainda as usavam.

**Calmeirona**, s. c. Forma de apreciação, dirigindo-se ao gado.

**Cambão**, expr. reg. Designa um indivíduo em repouso demasiado.

**Caminho-da-madeira**, expr. reg. É um caminho sem saída, aberto por um tractor, para local inacessível, onde uma camioneta irá carregar os troncos dos pinheiros, loureiros e soutos, colocados à beira do caminho, após os bois, com canga e corda, os terem puxado por entre os sobranes pinhais, escapados à devastação utilmente executada.

**Carga**, s. c. O peso correspondente a 6 molhos ou gavelas, transportados às costas ou à cabeça, mas aliviado pelo **forcado**.

**Carro-de-mão**, s. c. Pequeno veículo, muito raro hoje em dia, construído em madeira, à parte os eixos dos seus veios em madeira, das quatro rodas maciças, e ainda os pregos que apoiam as rodinhas exteriores às ditas quatro rodas. As da frente guiam o carro por meio de um tirante de madeira, que gira lateralmente no eixo do veio dianteiro. Este carro não tem molas,

e é coberto lateralmente e no fundo. A sua frente é aberta, tendo simplesmente um ligeiro rebordo protector. Lateralmente tem um rebordo superior com reforço no exterior do carro. O rebordo das duas faces laterais encontra-se ligado, por um sólido arco em madeira, sobre o carro. A sua utilidade é variada. Quando conheci este carro, na comunidade de Varela e Outeiros, estava a ser utilizado como transporte de um bebé. A fotografia deste carro original da freguesia de Águas de Belas está para ser publicada num livro (meu) a editar: «Sociedade e Tecnologia em Ferreira do Zêzere».

**Casa-do-cão**, expr. reg. Nas casas da antiga nobreza o cão tinha a sua casota dentro da parede do solar que deitava para o quintal. A sua porta formava um rectângulo, e lá dentro havia uma saca de serapilheira, a servir de cama. Cá fora as telhas asseguravam a comida e a bebida do fiel guardador. A casa rústica tinha — e ainda tem — uma **casota de cimento com telhado**. Mas, normalmente, esta entrada é protegida com serapilheira quando o tempo está agreste. Ao longo de determinada distância — geralmente o comprimento do prédio da habitação —, e próximo do galinheiro e das coelheiras, um grosso arame suspende uma argola, enfiada na longa corrente do cão, e onde este se movimenta a fazer a sentinela de guarda.

**Catano**, s. c. Órgão genital masculino.

**Catrapêla**, s. c. (modernismo). Tractor que remove (por caterpillars).

**Cava** (A), s. abst. Processo utilizado, após a preparação do terreno, para obter, servin o-se de enxada-pá, as covas pouco fundas, onde é introduzida e coberta a raiz da planta. Em seguida é feita, por meio da sogá, uma ligeira rega geral, orientada, segundo as necessidades do momento, pela enxada-pá.

**Cavilha**, s. c. Instrumento para alisar «correias», costeadas ou costeladas, que, por meio do pedal, o canastreiro vai raspando, manobrando a **raspillia**. Há localidades onde lhe chamam **cavalo**; noutras designam-no por **banco de canastreiro**.



**Chambaril**, expr. reg. É um ramo recto, e destina-se, como os demais chambaris curvos, a dependurar a carcaça do suíno, depois de morto e aberto, pelo tendão do tarso. Este chamberil é o que examinámos na comunidade de Varela e Outeiros.

**Chaminé**, s. c. Havendo ali múltiplas formas de chaminé, predomina, no entanto, o tipo muito antigo da chaminé com muitas frestinhas (algumas com mais de 16 em cada face), e que não assenta na parede-frontaria. O seu fuste é um tronco de pirâmide rectangular. Correlaciona-se com a *tiragem de fumo*. Estava antigamente ligada a um «complexo de ostentação» e de prestígio social (emulação e «efeito de demonstração»): traço cultural de *comunicação informal*. Encontra-se, também, este tipo de chaminé em: Vila de Rei, Campo Maior (Santa Eulália), Castelo de Vide, Tomar, Golegã, Azambuja e Alvalázere (de que o autor deste trabalho tem fotos). Existe uma chaminé deste tipo no Palácio da Vila, em Sintra, cujas frestas encontram-se cimentadas... (!). Actualmente, já não erguem, em suas próprias casas este tipo de chaminé.

**Cigarreira**, s. c. Pode ser, às vezes, um rebordo do boné ou o próprio boné...

**Cilindro-toupeira**, s. c. Aparelho muito útil para restabelecer o equilíbrio ecológico que tenha sido abalado pelas

toupeiras. Este cilindro caça-as quando o seu número é excessivo, e destroem as culturas. Consiste num tronco de ramo, de boa madeira, *escavado* e tendo na boca uma chapa pesada que, por meio de um eixo, se fecha após a entrada do animal. Comprimento: 22 cm; diâmetro de fundo: 4 cm. Hoje em dia já não é aproveitada a pele da toupeira.

**«Círios de Dornes»**, expr. reg. e relig. Os «Círios de Dornes» são peregrinações votivas anuais, que se iniciam na Segunda-Feira de Páscoa e terminam no terceiro domingo de Setembro. Utilizando toda a espécie de transporte, engalanado, incorporam forasteiros e fiéis do concelho de Ferreira do Zêzere e de povoações de outros concelhos limítrofes, como Cernache de Bonjardim, Casais, Tomar e Zambujal, Condeixa (povoações). Actualmente são 34 «Círios» que têm os respectivos pendões e círios no cacifo da série existente na dependência da histórica igreja de Dornes, junto à torre de menagem pentagonal, templária, talvez mais velha que a nossa nacionalidade. Vão ali num voto a Nossa Senhora do Pranto, cuja imagem, segundo a História, antecedeu em 300 anos a da célebre Pietá, de Miguel Ângelo, séc. XVI, cujo motivo é o mesmo.

(Continua)

## COMO «ELES» DEVIAM DIZER

(Ver pág. 52: O QUE «ELES» DIZEM...)

1. «Inadiáveis abriram uma fresta (= fenda, etc.) [...]»
2. «O Ministério dos Negócios Estrangeiros tem a honra de apresentar os seus mais atentos cumprimentos...»
3. «[...] fiquem submetidas a *contrôle estatal*.»
4. «[...] e a promoção da *rendibilidade* social e económica [...]»
5. «Parabéns para aqueles [...] que obtiveram [...]»

## OS NOMES DAS TERRAS

# CARCAVELOS

Por BATALHA GOUVEIA

Ao investigar este topónimo senti desde logo que o mesmo remontava a sua origem a um passado já algo distante, mais concretamente aos tempos pré-romanos.

Sabido que o Promontório Ulissiponense foi em recusadas eras habitado por clãs oriundos da Europa Oriental, da África e da Ásia, não se estranhará que o topónimo Carcaveiros revele nos seus aspectos lexicais essa mesma antiguidade.

Já várias vezes tenho dito que os nomes dos antigos lugares têm uma significação que o tempo fez cair no limbo do esquecimento. É este o caso do nome Carcaveiros. Para encurtar explicações direi que são dois os termos componentes deste topónimo. Trata-se de Carca e Velos a cuja análise etimológica irei seguidamente proceder.

Das línguas faladas na Ásia Menor no segundo milénio antes da nossa era, e das quais destaco a hitita ou hitita, a luviita, a assírio-caldáica e a aramaica, uma palavra havia de uso corrente e que embora filiada no mesmo protótipo apresentava naturalmente diversas prosódias, filhas dos hábitos glotológicos daqueles povos. Refiro-me à elocução karaka a que a acentuação proparoxítona motivou a síncope do a medial, dando assim lugar aos heterófonos karka, garga, garka, garta, gurta e karta, etc.

A dicção karka envolvia na sua esfera semântica o sentido de «povoado fortificado» ou «cidadela». No homófono garta estão implícitos os cognatos alemães warte «vigia», guard «guarda», o francês garde «guarda», «protecção», e o português guarda.

Abro agora um pequeno parêntese para dizer algumas palavras acerca do supracitado termo asiático karaka. Esta expressão aglutina os itens lexicais asiáticos kar e aka respectivamente significativos de «pedra» e «santa» ou «mãe». Kar é a base pré-índo-europeia já estudada em 1935 pelo filólogo italiano G. Alessio (Studi Etruschi,

v. IX), estudo esse retomado em 1939 pelo linguista francês A. Dauzat no seu trabalho *La Toponymie Française*. Charles Rostaing, no seu estudo *Les Noms de Lieux* publicado na colecção *Que Sais-Je?*, refere que uma das variantes de kar, kal, viu o seu âmbito semântico alargado de «pedra» para «abrigo de pedra», depois para «paço» e «fortaleza».

No tempo dos Aqueménidas, os persas empregavam a expressão karka como apódo do país dos Yaunas, isto é, dos Jónios, os habitantes do noroeste anatólico. Tal epíteto fundamentava-se na circunstância dos jónios viverem no interior de «povoados fortificados» ou de «cidadelas» tal como os seus antepassados neolíticos da Grécia continental, Micenas, Tirinto, Lerna, Dimini, etc. A importante cidade hitita de Carkemisch (do tema karka), caracterizava-se por um imponente recinto muralhado, e a parte antiga da cidade francesa de Carcassonne (do mesmo tema karka) é envolvido por uma cintura de muralhas, sendo tal local conhecido pelo nome de «cidadela».

Também Dunquerque, outra importante cidade francesa cujo topónimo inclui o supracitado termo karka, não é mais do que a «cidadela (karka) do «Senhor (Dun) ou a «igreja» do «Senhor». O antigo bretão, o item kar, depois kaer e ker, denominava a «aldeia» ou «vila», hoje especializado no sentido de «casa». E assim, do asiático karka formou-se o antigo bretão kerke que além de «cidadela» encerrava também o conceito de «igreja».

O aludido karaka deu por outra via linguística o germânico kirika «igreja», donde o actual inglês church «igreja».

O termo karka, na prosódia garka, desenvolveu o gentílico pelo qual os itálicos passaram a designar o país habitado pelos Hetenos, isto é Garkia, a Terra das Cidadelas, e cujas formas metatéticas evolutivas Grakia, Grakia e Grekia se metaplasmaram no actual

# LÍNGUA PORTUGUESA

## BOLETIM DA SOCIEDADE DE LINGUA PORTUGUESA

Director: António C. Pinho

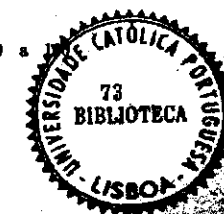
Série IV — ANO XXX — N.º 3 — Julho - Agosto - Setembro / 1979

### INDICE

|                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| AIR PORTUGAL, AINDA — A QUESTAO DA MUDANÇA DE NOME DOS TAP ... ..             | 75  |
| SINTAXE DO PORTUGUÊS ARCAICO, por Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca ... .. | 77  |
| COMO SE FALA NA MINHA TERRA: GAVIAO DE RÓDAO, por Aníbal da Cunha Belo ... .. | 81  |
| VOCABULÁRIO REGIONAL DE FERREIRA DO ZEZEIRE, por Décio Camacho ... ..         | 85  |
| O QUE «ELES» DIZEM ... ..                                                     | 88  |
| ESTAMOS TODOS DE PARABENS, por Joaquim Santos ... ..                          | 89  |
| COMO «ELES» DEVIAM DIZER ... ..                                               | 90  |
| OS NOMES DAS TERRAS — «AMARANTE», por Batalha Gouveia ... ..                  | 91  |
| VOCABULÁRIO DA VINHA E DO VINHO, por José Cruz Tavares ... ..                 | 92  |
| CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO, por José Pedro Machado e José Neves Henriques ... .. | 97  |
| A LINGUA PORTUGUESA NO MUNDO ... ..                                           | 101 |
| RECENSOES CRITICAS, por Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca ... ..           | 103 |
| NOTICIÁRIO DA SLP ... ..                                                      | 105 |
| — Os Drs. Mário Neves e Aldónio Gomes no Governo ... ..                       | 105 |
| — Novos Estatutos ... ..                                                      | 105 |
| — Utilidade Pública ... ..                                                    | 105 |
| — Convocatória para a Assembleia Geral ... ..                                 | 106 |
| — Movimento da Biblioteca ... ..                                              | 107 |
| — Movimento de Sócios ... ..                                                  | 107 |
| — Preçário de Livros e Separatas ... ..                                       | 108 |

#### ANEXO:

«Dicionário de Dividas e Dificuldades da Língua Portuguesa», p.p. 129 a



**ARRICAR** — Ericar. Deitei água nas couves, que estavam murchas e arricaram.

**ARROTOS CHOCOS** (med.) — Hipo-cloridria, que provoca eructações com acentuado gosto a ovos podres.

**ARRUÍDO** — Ruído.

**ARTEIRO** — Pessoa com muita vida.

**ARVELA** (ave) — Alvéola ou Lavandisca.

**ASSANHA** — Azenha — Em port. ant. Azena; em cast. Azeña.

**ASSOBAR** — Açular, excitar a morder os cães.

**ASSOLAPAR** — Solapar.

**ASSOMBRANTE** — Semblante, rosto, fisionomia.

**ASSOVENÉR** — Espicaçar, meter al-  
guém no barulho.

**ASTREVER** — Atrever.

**ATÃO** — Então.

**ATÉ AO LAVAR DOS CESTOS É VINDIMA** — Frase feita que aconselha prudência. Não se pode ser demasiadamente optimista. Em determinados casos e até final, podem surgir surpresas desagradáveis.

**ATICER** — Aticar (o lume).

**ATILENO** — Atilado, prudente.

**ATOLCO** — Atónico.

**ATRA** — Voltar para trás. Termo empregado pelo lavrador, quando anda lavrando.

**ATRAVESSADO** — Travesso, torto.

**ATREER** — (port. ant.) — Atirar.

**AUCAO** — (port. ant.) — Ação.

**AUGA** — Água.

Onde há água há junquilha  
Onde há junquilha escorrega,  
Enquanto o amor não está firme  
O coração não socega.

A acucena com pé n'auga  
Pode estar o tempo que quer  
E como o rapaz solteiro  
Enquanto n'ó tem mulher (5).

(4) «Lembras-te? Foi neste sítio  
aonde as cordas da lira vão tanger  
os trovadores».

«Um passeio à Lapa dos Esteios»  
Rodrigues Cordeiro

(5) Cantigas ditadas por Maria de  
Jesus e Leonor Cunha, mais conhecida  
por Leonor Barrocas.

(Continua)

## SINTAXE DO PORTUGUÊS ARCAÍCO

(Continuação da pág. 80)

coord.: E finouse esta Raynha dona doze Eentom filhou ElRey hũa dona dequese  
nô pode saber onome Eouue della dom Martim sanchez Edona Orraca sanchez  
(22,B,24-6); i) or. princ.+or. rel.+or. adv.+or. coord.: Erreteue perasy E pera  
todos seus sobressores Oconsentimẽto da Inliço quefezesem das abadesas desse  
Moesteiro Easy he contheudo e seu testamẽto ehordenaçom do dicto moesteiro  
(23, B, 9-13).

E terminamos o presente artigo com exemplos de *anacoluto* (6) e de *elipse*  
(7), começando pela primeira construção: *hum lugar onde [por que] chamom  
o Desbarato* (416, B, 47); ao [por o] primeiro lugar que [por a que] chegarom  
foy a [a mais] Tore destombar (416, B, 10); *hir per terra ao sepulcro de santo  
agustinho a [por em] pauja* (77, A, 42); *Onde se chamam os arcos de val de uez*  
[por num lugar que se chama ou que chamam] (25, A, 70-1); *Este rrey por  
algũas cousas que fez emperjũto dos drejtos do Regno e da justiça Os prellados  
sopricarõ ao papa Eos fidalgos Econselhos* [surgiu novo sujeito] (22, B, 47-9).  
*Elipse: hũu foy nenha Eo outro [foi] ho castello dafeira* (29, B, 54); *Em  
hũu huro de sam pedro daalmjãina [se] diz que* (24, B, 63); *Era de [mil] tre-  
zentos e dezesete años* (23, B, 5); *Por que em ellas [se] faz menço [de] quando  
cada hũu Rey começou de rreguar* (22, A, 29-30).

FERNANDO VENANCIO PRIXOTO DA FONSECA

## VOCABULÁRIO REGIONAL DE FERREIRA DO ZÊZERE

Elementos linguísticos de uma cultura nos regionalismos,  
costumes, história e nos instrumentos do trabalho de uma  
região do Ribatejo.

Investigação local e bibliográfica de  
DÉCIO CAMACHO

(Continuação)

### C

**Coelheira**, s. c. Na comunidade de  
Varela e Outeiros existem galinheiros  
com coelheiras a uma certa altura do  
solo, por causa da humidade: ambos  
bem protegidos, superior e lateral-  
mente, e com arame na frente.  
Quando o vento sopra frontalmente,  
e chove, cobrem o arame com sacas  
de serapilheira.

**Colectivo** (O), s. c. Designa um trans-  
porte colectivo: «Estou à espera do  
"colectivo", para transportar estas ca-  
nastras que fabriquei» (ano de  
1970).

**Compasso**, expr. reg. Visita pascal, efec-  
tuada em algumas comunidades locais,  
em que o sr. Prior, com o seu guarda-  
-chuva, se faz acompanhar de dois  
irmãos da Confraria do Santíssimo  
Sacramento, com salva — para as  
ofertas —, opa e Crucifixo de prata.  
São recebidos à volta de uma mesa  
enfeitada, e com doces e cálices para  
qualquer bebida, que, aliás, o Prior  
rejeita sempre, agradecendo. O es-  
tralejar de um fogueiro, a que o an-  
tigo festeiro teve direito, e estava  
arrecadado, anuncia a festiva visita.  
São dadas, então, as Boas-Festas.

**Contrata** (Uma), s. abs. Fazer um con-  
trato, que pode ser, simplesmente,  
apalavrado.

**Corveia**, s. c. Fita ou «verga» de cas-  
tanho ou de acácia, para a confec-  
ção de cestos.

**Cortado** (couve de), expr. reg. É uma  
qualidade de couve, que vai sempre  
crescendo, e ao fim de 2 anos é  
utilizada, gradual e diariamente, na  
comida para os animais. Trata-se da  
couve hortelã.

**Costeado ou costelado**, s. c. «Verga»  
de castanho, arqueada, para a con-  
fecção de canastras: circulares, para  
as marinhas, como Alcochete; *alon-  
gados e fundos*, para Proença-a-No-  
va, p. e.

**Couve-hortelã**, s. c. É uma «couve de  
cortado».

**Curral-da-cabra-no-lagar**, expr. reg. En-  
contrei, numa casa antiga, um cur-  
ral de cabra num lagar. É muito  
raro nesta comunidade. Aproveita uma  
parede da casa para, através de um  
ripado, com prumos e porta numa  
das faces, construir um curral, aberto  
superiormente mas só até uma pe-  
quena altura do solo. O lagar conti-  
guo é cimentado.

**Currais-escuros**, expr. reg. Na verdade,  
eles são semi-escuros, utilizando uma  
parte da casa (não caiada por fora),  
destinada à arrecadação. Uma cabra,  
um burro ou um cavalo podem estar  
ali, saindo de quando em vez, para  
o seu banho de ar, de luz, de sol,  
de terra (quando se espojam e rebo-  
lam), e para o seu trabalho. Este  
traço cultural é muito antigo, e ba-  
steia-se numa superstição, aliás jus-  
tificada na existência — ainda, e em  
certas épocas do ano — de muitos  
dípteros e hemípteros, que é como  
quem diz *moscos e vamps*. Antiga-



mente, acreditavam que estes «currais» evitavam o «quebranto» motivado pelo «mau-olhaco».

**Custódia de Aguas Belas**, expr. reg., relig. e hist. Esta custódia, de incalculável valor, foi salva da senha dos soldados das Invasões Francesas (a segunda) por ter sido escondida debaixo de palha, metida dentro de uma serapilheira (segundo consta na localidade). Por isso, ainda hoje o lugar onde se encontra, na paróquia, só é conhecido de algumas pessoas (traço cultural remoto). Temos uma fotografia dela, que nos foi gentilmente facultada. Agradecemos. Sobre esta custódia, o *Inventário Artístico de Portugal*, vol. 3, Distrito de Santarém, diz o seguinte: «Cinzelada, do séc. XVIII, com o esplendor do Hostiário constelado de pedras finas. Peça muito rica, sobrepujada por uma cruz de esmeraldas. Altura: 0,625 m; largura do Hostiário: 0,295 m. Pesa 5,5 kg. Tem aproximadamente setenta esmeraldas de vários tamanhos, cento e vinte e oito brilhantes, quatrocentos e catorze diamantes e duzentos e sessenta e oito crisólitas (silicato de ferro e magnésio) e topázios».

## D

**Dança-numa-tábua**, expr. reg. É a dança do **Fado Trocado** (explicada na letra F), mas dançada unicamente numa tábua do soalho. Por isso esta dança pode ser executada no meio de uma pipa de pé.

**Deixe-mo** (O), expr. reg. É o testamento (este **mo** é empregado, aqui, no sentido de um **determinativo destinatário**: me + o).

**Descamisada ou desfolhada**, s. abs. Acto festivo do «complexo do milho», realizado de noite, na eira ou num local coberto, entre a família nuclear e os vizinhos, com o fim de separar o «carolo» das folhas ou «camisas». Quem encontra o milho-rei (escuro) tem o direito de beijar uma pessoa da sua predilecção.

**Descanso para cargas**, s. c. Tábua, pregada entre dois pinheiros próximos um do outro, destinada a fazer com que os trabalhadores (dos dois sexos) ali

descansem as suas cargas ou molhos (uma carga: 6 molhos ou gavelas).

**Descarolada**, s. abs. Acção de esbagoar o milho, na eira ou sob um coberto, utilizando uma máquina manual ou motorizada. A última operação desta acção é manual, destinada ao aproveitamento completo de todo os bagos, e pode ser feita por gerontes. É a **esbagoagem**.

**Desejum**, expr. reg. É o «mata-bicho», traço cultural que obriga, supersticiosamente, a tomar qualquer bebida alcoólica, em jejum, na convicção, errada, de que se «mata» qualquer má disposição momentânea. Informaram-me, ali, de que existe sempre alguém que, principiando no «desejum», consegue beber 3 litros de vinho num dia inteiro. Será pessoa, neste caso, com um trabalho muscular intensíssimo.

**Despejos**, s. c. Imundícies que são despejadas na fossa ou na horta. Neste caso, quem não tem casa-de-banho nem fossa não se regula já pelo traço cultural antigo que obrigava a lançar os **despejos** na via pública, cobrindo-os com mato ou giesta, e sobre o qual as pessoas caminhavam... A Subdelegação de Saúde proibiu, já há muito tempo, esta prática anti-higiénica, atentória da saúde pública.

## E

**Eira**, s. c. É **polivalente**. A eira, cimentada ou com lajes, geralmente circular, dispondo ou não de platibanda (pode tê-la parcialmente), serve para: a) desfolhadas; b) malha do grão, descarolagem, esbagoagem, estender com rodo o grão (ao sol), secagem de folhas de milho, secagem de grãos de milho; c) secagem de figos em tabuleiros; d) trabalhar e mollar (nos mollarais) as varas; e) «escolha de tendal», na safra da azeitona; f) «hó-quei» em patins (por veraneantes); g) ocupação dos tempos-livres (teatro e bázares infantis, sessão recreativa de filmes da Televisão, jogo da malha); h) debulhar ou «desbulhar» vagens secas sobre mantas cobertas com palha, por meio de um **mangual** que simultaneamente mói a

palha, ou então por meio de um **cavalo à trela**, que rodopia na eira.

**Ele é**, f. v. É (trata-se de uma pessoalização).

**Ele não**, adv. Não! (pessoalização).

**Ele sim**, adv. Sim! (pessoalização).

**Estrola-a-estrola** (trabalho de), expr. reg. Refere-se ao trabalho efectuado de sol-a-sol, desconhecendo — ou não cumprindo — o Horário do Trabalho por conta própria. A Convenção n.º 99, da OIT, ano de 1961, fixou o salário mínimo na agricultura; e a partir do ano de 1962 surgiu a obrigatoriedade do descanso semanal para os trabalhadores rurais; e as 48 horas semanais de trabalho. A **sesta** dos trabalhadores rurais (duas horas após o almoço) é uma prática social, seguida ali durante o período compreendido entre 25 de Março e 8 de Setembro (Primavera e Verão, quase totalmente).

**Estremongado**, adj. v. Estropiado.

## F

**Fado-trocado**, expr. reg. Dança regional, ao som da música do fado ribatejano. Variante de uma mesma base coreográfica (os passos da valsa antiga). O par dá as mãos, firmando-se bem nos antebraços e numa ponta do pé. Depois os dançarinos volteiam, em passos muito rápidos, e **trocam o passo** (com um pé firme no chão). Rodopiam e, alternadamente, invertem o sentido do rodopio, num jeito de «valsa corrida» ou ligeiramente rápida.

**Fidalga** (Solgar da), expr. reg. e hist. As pessoas da região que se referem ao «solar da fidalga» — como é conhecido entre a população — evocam, quanto à velha Aguas Belas (1.ª vila), a construção posterior à primitiva. No ano de 1190, D. Maria de Menezes já sucedia, só por casamento, no direito ao morgadio. O dr. Jo-é Maria Félix, pároco, in «Senhora Nossa Senhora Minha, Vila de Rei e suas redondezas», Ed. Minerva, V.ª N. de Farnalhão, 1948, p. 291, diz-nos: «O vetusto solar passou para a Coroa no dia 29 de Dezembro de 1785, data em que o corregedor de Tomar logrou, por não haver morgado va-

rão, tomar posse da velha vila e concelho.» Encontrámos na verga da cantaria, existente então em uma das portas laterais deste solar, a seguinte data: 1798.

**«Fogaça»**, s. c. Oferenda votiva, feita por ocasião das festas religiosas locais, e que tem uma raiz histórica muito remota, como pode ver-se no foral da doação de «Aquabela» (Aguas Belas, a velha), a que nos referimos na letra A deste nosso trabalho.

**Foguete**, s. c. Sendo por vezes os foguetes sinais e emblemas de ostentação (nas festas onde se queimam contos-e-contos de fogo de estrondo), analisámos a sua função social de sinais. Ei-la sucintamente. Anunciam e animam: a) festas religiosas e profanas; b) indicam o local para que é necessário chamar uma atenção geral; c) indicam o local onde se encontra o sr. Prior quando da visita pascal; d) em tempos — que já lá vão... por muitos e bons... — quando regressava um soldado do ex-Ultramar português os foguetes (de uma, duas ou três repetições) anunciavam convívio festivo. O sr. F.... a propósito de um soldado vizinho, regressado da guerra do ex-Ultramar português, disse na adega: «Fui a casa, e levei um «estoíro» com três tiros e salva».

**Fox**, s. c. Foco eléctrico.

## G

**Gabardina-plástico**, s. c. Contra a chuva, os rapazes enfiam um saco-plástico grande pelo tronco abaixo, ficando a cabeça de fora, através de um buraco, aberto no plástico.

**Gaiola** (Fazer), expr. reg. Fazer um trocadilho na conversação.

**Gaita**, expr. reg. Órgão sexual masculino.

**Gaivota**, s. c. O mesmo que picota (o «tolleno» romano).

**Galinheiro-de-Verão**, expr. reg. Existem duas espécies de galinheiros-de-Verão: um com a forma de um prisma triangular, que é feito só com tábuas e pregos, outro é formado de ripagem, tábuas ou arame próprio. O primeiro tem uma porta numa das



bases triangulares, que é afinal um dos seus lados. Quanto ao outro, se for construído na base do ripado, será aberto superiormente e levará tábuas na parte lateral, a apoiar as ripas. Tem, assim, a forma cúbica, fazendo-se a entrada e saída por uma porta numa das faces. Algumas tábuas em diagonal fazem, então, um reforço, interiormente. Dentro existem alguns poleiros de emergência... Temos os desenhos deles, para um livro, a publicar: «Sociedade e Tecnologia em Ferreira do Zêzere».

**Galho-banco**, s. c. Consiste num rectângulo de madeira, toscamente trabalhado, fixado a um galho com 3 a 4 pés (neste último caso, trata-se de um banco-tripé com escora...).

**«Graça»** (da Graça), s. p. Qualquer filho anjeitado, e que não conheceu os seus progenitores, é, nesta região: da Graça.

## H

**Hay**, forma v. Há (influência castelhana).

## I

**Invasões Francesas**, exp. hist. e reg. Com as Invasões Francesas, a então vila de Dornes sofreu toda a sorte de crimes, atrocidades e vandalismos, desde o dia 19 de Novembro de 1810 até princípios de Março — segundo o dr. José Maria Félix, pároco que foi de Vila de Rei, em «Senhora Nossa Senhora Minha,

Vila de Rei e suas redondezas», Ed. Minerva, V.ª N.ª de Famalicão, 1498, p. 277. A este respeito, vamos informar o leitor de que recolhemos em Águas Belas, na comunidade de Varella e Outeiros, um elemento histórico, contado ao nosso interlocutor por seus avós: «Soldados das Invasões Francesas, de baioneta armada, procuravam comida ou pessoas, escondidos debaixo de fardos de palha. Um cabo dizia ao soldado que não era preciso mais: «deixem o homem visto que está morto». O narrador rematou, então, a descrição deste evento: «Ele fingiu-se morto e salvou-se».

## J

**«Janeiras»**, expr. reg. No concelho de Ferreira do Zêzere comemora-se o **Natal e o seu termo**, com cerimónias religiosas e familiares, onde também se vê, por vezes, o «Presépio», armado pelas crianças — e mais as suas «capelinhas», que também organizam, à roda do ano, à beira dos caminhos. As «Janeiras» estão, assim, incluídas na comemoração geral do Natal. Em algumas das 400 comunidades deste concelho, dispersas por montes (outeiros) e vales, ainda cantam, pelas «Janeiras» a seguinte quadra, repassada de amor:

«São Miguel pediu por mim  
A Jesus nos altos céus.  
Dai esmola para as almas,  
Seja por amor de Deus.»

(Continua)

## O QUE «ELES» DIZEM ...

1. «Têm enviado os episódios à última da hora.» — Locutora de serviço na RTP, a propósito da não transmissão de um episódio de O Astro, 29-3-79.
2. «Anunciam-se os mesmos artigos a preços mais baratos.» — Margarida Marante, a propósito de saldos: Jornal da RTP 1, das 20 horas, 20-8-79.

(COMO «ELES» DEVIAM DIZER... — Ver pág. 90.)

## ESTAMOS TODOS DE PARABÉNS

Do Diário de Notícias recorramos, com a indispensável vénia e desvanecido agradecimento pela referência à SLP, bem comprovativo de que a nossa acção está sendo devidamente apreciada, o artigo que, com este título, publicou Joaquim Santos na interessante secção que naquele jornal mantém sob a epígrafe «Histórias de palavras / Palavras com história»:

«No dia em que começámos a escrever este artigo, recebemos o Diário de Notícias que nos informa da nomeação de um grupo que dentro de dois meses (lá para Agosto, portanto) apresentará um programa devidamente estruturado com vista a «desenvolver hábitos de leitura que, simultaneamente, permitam melhorar a fala e a escrita da Língua Portuguesa».

O despacho relativo a esta, felicíssima decisão sublinha que o Ministério da Educação e Investigação Científica (bonito nome, que mais lindo será quando for realmente significativo), o da Comunicação Social e a Secretaria de Estado da Cultura (esperamos que não haja entre os nossos leitores quem se arrepie nem puxe da pistola ao ler a palavra cultura) tem conhecimento de que «a expressão da língua materna, especialmente das novas gerações, não é fluente nem rigorosa, o que determina compreensíveis dificuldades de comunicação, além de constituir um entrave de peso no que respeita aos benefícios da cultura».

Perante uma tão maravilhosa decisão, só nos apetece gritar entusiasticamente «Viva!» e festejar com a sobremesa melhorada que está ao alcance da nossa mirrada bolsa: um bolo de arroz e uma gasosa (pra espumante, mesmo a martelo, não dá...).

Diversas vezes se têm erguido há muitos anos a lembrar a necessidade premente de resguardar a Língua Portuguesa de atentados e maleditas que a empobrecem e lhe reduzem a eficácia, o poder comunicativo. Se em algumas dessas vezes transparece a intenção nacionalistóide e patriotínheira, de que não comungamos, em todas — as que lemos — vibra a vontade louvável de preservar e manter funcional um instrumento de comunicação e de cultura que, a continuarem os actuais desprezo, incuria e relaxamento (que, aliás, já não são de hoje), correrá o risco de, qualquer dia, não servir para as pessoas se entenderem.

Os redactores do despacho sabem que se impõe «o recurso às mais diversas formas pedagógicas, com utilização intensiva dos meios de Comunicação Social, com destaque para a Televisão», e consideram indispensável «uma acção concertada que, estimulando a frequência dos bons autores, faça desenvolver os hábitos de leitura e, consequentemente, melhore o falar e o escrever do português».

Estamos em crer — ou melhor, para sermos sinceros e realistas: em desejar que «o programa que permita concretizar tais objectivos» dê boa atenção e dispense cuidados especiais à locução dos meios falados de Comunicação Social.

Não nos cabe realçar — até por ser tão evidente — a grande influência que nos ouvintes (da rádio ou da televisão) têm as expressões, os modos de pronunciar e de ler das pessoas que desses meios se servem ou a eles têm acesso.

O raciocínio — em princípio revestido de lógica — que segue a imensa maioria dos ouvintes é este: se os locutores assim dizem, assim pronunciam, assim falam, é porque assim deve dizer-se, pronunciar-se, falar-se. Sim, porque um locutor (ou uma locutora) é uma pessoa que tem pelo menos uns tantos anos de liceu ou habilitação correspondente, por vezes até frequentaram a universidade, sabem inglês e francês para entrevistarem os estrangeiros.

Igual raciocínio — revestido, em princípio, da mesma lógica — se segue para as personalidades que por lá aparecem a botar faladura, e



23.174  
CAM

D E C I O C A M A C H O

N I N G U É M J U L G U E  
Q U E N Ì O É Ç A P A Z...

(História e ciências sociais, em: Lisboa, Madeira, Ferreira do Zêzere e estrangeiro)

(Inclui alguns regionalismos e a sua explicação sociológica)

HOMENAGEM A QUEM TRABALHA;  
OU JÁ TRABALHOU E CONTINUA  
EM PLENA ACTIVIDADE FÍSICA  
E MENTAL.

3º V O L .



L I S B O A , 1 9 8 9

Ed. de 7 exemplares  
com 3 vols. cada.

## 104 P A R T E ( V Á R I A )

OUTRA INVESTIGAÇÃO NOSSA  
TEVE LUGAR EM FERREIRA  
DO ZÊZERE, DA QUAL DAMOS  
UM RESUMO, EXTREMAMENTE  
SINTÉTICO (PARA ESTUDO);  
E UM TRABALHO SOBRE  
"REGIONALISMOS DE FERREI-  
RA DO ZÊZERE", QUE PUBLICA-  
MOS.

## Í N D I C E

|                                                                                                                                                                                               |             |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| • SUBSÍDIOS PARA O DIREITO AGRÁRIO (SÍNTESE), INVESTIGAÇÃO DE DÉCIO CANACHO<br>EM FERREIRA DO ZÊZERE                                                                                          | Pág.<br>360 |
| • VOCABULÁRIO REGIONAL DE FERREIRA DO ZÊZERE, trabalho sociológico do autor deste<br>volume                                                                                                   | 384         |
| • Projecto, Proposta, Plano Geral, "LABORATÓRIO DE REGIONALISMOS", proposta, feita,<br>em 29 de Abril de 1970, ao "Conselho Escolar" do Instituto Superior de Ciências<br>Sociais e Políticas | 396         |

## VOCABULÁRIO REGIONAL DE FERREIRA DO ZÊZERE

Elementos linguísticos de uma cultura nos regionalismos,  
costumes, história e nos instrumentos do trabalho de uma  
região do Ribatejo.

Investigação local e bibliográfica de  
DÉCIO CAMACHO

(Continuação)

### L

**«Ladainhas»**, expr. reg. Também chamam «ladainhas» ao velho costume de, em Dornes, pela Quaresma, cantarem e rezarem, simultaneamente, nas ruas (informação do meu amigo, sr. José Maria Cotrim Godinho, da Frazoeira).

**Lagar antigo**, s. c. É formado por um grande tanque, hoje cimentado, tendo o buraco da vara na parede da casa. Neste buraco assenta a extremidade da grande vara *paralelepípeda*, que tem na outra extremidade uma argola em arame, pendurada, que suspende um peso em cantaria. Ao lado encontra-se uma sísterna, para o mosto, ou para o bagaço da azeitona (bivalência). Esta prensa funciona por meio de uma rosca vertical, solidária com um manípulo giratório. As antigas prensas são de madeira e as actuais de ferro. Em tempos idos existiu aqui o *lagar comum*.

**Mantas-de-retalhos**, expr. reg. A laboração das «mantas-de-retalhos» aproveita todos os retalhos de fazenda (trapos) na execução de mantas regionais, confeccionadas manualmente nas seguintes freguesias: Aguas Belas, Areias, Ferreira do Zêzere (vila) e Paio Mendes.

### M

**Marquesa**, s. c. Suporte-barrileiro, operacional, onde nasce ou é tratado um barril, bem almofadado e apertado.  
**Mata-bicho**, expr. reg. Costume muito

antigo, que terá algo de supersticioso, em que o trabalhador «mata o bicho da manhã», que é como quem diz «qualquer má disposição momentânea», por meio de um pinga de uma bebida alcoólica, tomada em jejum.

**Matança**, s. abs: Matar o suíno, em determinados dias, previamente marcados, e com convite aos matadores. «Se queres conhecer o teu corpo, vê o teu porco»: frase, com muito sabor regional, pronunciada quando escalpelam o suíno e separam certos órgãos e tendões. Presenteiam, então, familiares e amigos com carne e enchidos.

**Milho** (Safra do), expr. reg. Na safra do milho aproveitam completamente (no sentido de utilidade) esta planta. Se não, vejamos: a) escolha de grãos, que são etiquetados, em sacos, para semente; b) folhas para a cama do gado; c) folhas para forragem; d) folhas que protegem podas e enxertos; e) enchimento de colchões e almofadas, com folhas; f) caules secos convertidos em cinza, na «bortalheira» (antigamente, esta cinza era aproveitada no «barreiros»); g) «carolos» secos, aproveitados como combustível na lareira; h) «descamisadas» festivas ou «desfolhadas», executadas geralmente ao ar livre, e à noite; i) *descarolada*, mecânica ou manual — esta pode ser complementar daquela, e exercida, mesmo pela tarde adiante, por pessoa da terceira idade; j) *troca*, por farinha, ao moleiro ambulante; l) *pagamento*, em grão, na renda ou no fóro; m) «moeda» transaccional (grão, em medidas de madeira); n) pão de milho; o) «fogaça»: oferta exposta em procissões, e leiloadas depois (festas religiosas e profanas); p) *brea*, essencial na alimentação rural (e vai mesmo dentro

do saquitel quando o camponês se desloca a festas públicas ou em serviço da Irmandade, inclusive quando tem de acompanhar funerais; q) motivo de ocupação útil de *laxeres*, durante a «desfolhada», com o beijo dado livremente por quem encontra o milho-rei (espiga vermelha ou preta).

**Mecho**, s. c. Banco individual, utilizando um tóco, arrancado ao terreno e aparelhado ligeiramente.

**Mólhals**, s. c. (ou «malhals»). Aparelho, com mais de 2 séculos, destinado a medir a porção de varas, para organizar molhos, na empresa familiar do «bater-correiras».

**Morgadio**, expr. reg. e hist. A respeito do morgado António Sodré Pereira Tibau, no séc. XVIII, o Padre José da Mota Ribeiro escreveu: «Vive em magnífico paço, entre o qual e a igreja matriz corre um passadiço, pelo qual serve para uma tribuna que tem a igreja por cima da porta principal, onde ele e toda a sua família assistem aos divinos officios; e entra a gente na vila, por um magnífico arco de pedraria, que sustenta o dito passadiço» (T. T.: Memórias Paroquiais, Séc. XVIII, vol. I, p. 355; e dr. José Maria Félix, pároco, in «Senhor Nossa Senhora Minha, Vila de Rei e suas redondezas», ed. Minerva, V.ª N.ª de Famalicão, 1948, p. 293). Refere-se à «carta de doação e morgado» (o da quinta de «Aquabela» — a primitiva Águas Belas e 1.ª vila de Ferreira do Zêzere), doado depois, em 6 de Setembro de 1356, por Álvaro Fernandes a Rodrigo Álvares Pereira, irmão consanguíneo de D. Nuno Álvares Pereira (filho de D. Álvaro Gonçalves Pereira). Este morgado foi instituído, em Sernache de Bóm Jardim, em 1356 (confirmada por D. Pedro, em 20 de Maio de 1361). Estamos a seguir este mesmo autor e outros. Aquele autor cita, na obra referida, os sucessores, neste morgadio, que foram, portanto, os Pereiras do mesmo tronco nobiliárquico: Álvaro, Galote, João, Rui, João, Violante, Duarte Sodré, Fernão Sodré, Francisco Sodré, José Pereira Sodré e Duarte Sodré Pereira. Quanto ao vetusto solar e à igreja de Santo António, um incêndio devorou-os aquando das Invasões Francesas — segundo o dr. José Maria Félix, citado.

## N

**Nam hay**, expr. reg. Não há (influência castelhana, na comunidade de Varela e Outeiros, onde existem pessoas que em tempos estiveram, durante muito tempo, a trabalhar em Espanha).

## O

**Oferta**, s. abs. Costumam oferecer produtos da sua lavra, como prova de gratidão. E convencem-se de que o valor da oferta é sempre maior do que qualquer outro que nós consideramos mais valioso.

## P

**«Palha e palhinha tudo vai na burrinha»**, expr. reg. Esta expressão está intimamente relacionada com o elemento cultural, local, a utilidade, porque significa, justamente, nada se perca e tudo se transforme... Significa, portanto: tudo se aproveita, ali.

**Pardoeiro**, s. c. Antiga habitação dos donos das terras.

**«Penhora»** (A), expr. reg. Traço cultural remoto, com o qual, na freguesia de Dornes (antigo concelho), festejam o encerramento da safra de azeitona, executada por vezes com dificuldade na apanha, dada a inacessibilidade de determinados socalcos da oliveira. A «penhora» resume-se na dádiva de um ramo de oliveira, oferecido pelos trabalhadores, ao proprietário de um olival, por eles trabalhado. Então, uma rapariga é encarregada de o ofertar, em nome de todos os seus colegas, sendo por isso abraçada pelo homenageado (informação que me foi dada, gentilmente, pelo meu amigo sr. José Maria Cotrim Godinho, da Frazoeira).

**Piça**, s. c. Jugo cornal e peitoral dos bois, confeccionado, muitas vezes, em pele de búfalo. Tem uma fivela grande.

**«Pias»**, s. c. Nome que algumas pessoas, ignorantes da História, dão a antigas sepulturas romanas, descobertas na freguesia de Pias; e utilizam-nas, então, como pias para a beberagem dos suínos... (!).

**Ponte-passadiço**, s. c. É uma ponte de tábuas, pregadas em duas travessas paralelas, sem antepeços laterais. Existe, geralmente, sobre pequenos cursos de água, que só no Inverno trazem verdadeiros caudais.

**Porra**, expr. reg. Calção, referido ao sêmen (em Espanha: pau).

**«Presuntos»** (Os), expr. reg. Significa, aqui, as nossas coxas, dado que a sra. Maria disse-me que já se encontrava entrevada dos «presuntos» há muito tempo; e, por isso, tomava o seu banho-de-sol (com o corpo todo coberto) na eira. Ou, então: «Ai!, dói-me o presunto!»...

**Prova-do-vinho**, expr. reg. É um costume em que, sendo uma pessoa convidada a provar o vinho novo de cada adega privada (no meio de um pequeno convívio, em crescendo), também pode conduzir à embriaguez... É claro que muitas pessoas não aceitam senão um gentil convite destes...

**«Pulhas»** (O), expr. reg. Pelo Entrudo havia o costume — já desaparecido, visto que foi proibido — de *propalar* disfarçadamente (mudando o tom de voz) as fraquezas humanas, através de um funil, servindo de altifalante, no cimo de um outeiro. Era um *gracejo*, que geralmente tinha recepção e transmissão, recíprocas, por um «camarada» postado noutro outeiro. O diálogo, perante curiosos que se juntavam nas imediações para se divertirem à custa dos outros, começava assim: «Olha, camarada, queres ouvir o que fez uma rapariga (uma senhora, etc.; e não pouparam, mesmo, a professora oficial...)». Era assim o chamamento. Esta informação foi-me dada pelo sr. Prior (ano de 1970).

## Q

**Quebranto**, s. c. Depauperamento físico e moral. Veja, por favor, a letra C: «Curais-Escuros».

## R

**Roda** (Fazer), expr. reg. Dispõem-se as pessoas festivamente, em círculo, a fim de, uma vez dadas as mãos, cantarem e dançarem, à roda. Na Quaresma, na Escola Oficial dos Outeiros, as crianças não fazem «rodas» nem cantam.

**«Reis»** (Cantar os), expr. reg. Em Dornes, pela festa dos Reis Magos, grupos de jovens cantam à porta das habitações a seguinte cantiga:

«Estão os Santos Reis à porta,  
Boas-Festas lhes vêm dar:  
Viemos pedir licença  
Para os santos Reis cantar.

## II

Senhor, que está lá dentro.  
Sentado na cortica,  
Deite a faca ao fumeiro  
E dê cá uma chouriça...»

(Recolha, feita por gentileza do meu amigo sr. José Maria Dotrim Godinho, da Fraoelra).

**Ribeira** (Ir lavar à), expr. reg. Lavar roupa no tanque (trocadilho). Trata-se de uma tendência, local, para a aproximação, por trocadilho, de *leias* e de *intensões*.

**Rocaga**, s. abs. Acção de limpar o perímetro silvícola (dos matos, dentro das matas), cuja carqueja é aproveitada para *caça dos animais*; e, depois, como adubo (após fermentação).

## S

**Sacana**, expr. reg. Epíteto chocarreiro, sem sentido depreciativo ou de calão. Ouvi um chefe de família dizer à sua família, na presença de filhas menores: «O sacana do macaco, a lavar o bebé!». Eu tinha mostrado, então, um recorte com a fotografia deste pormenor curioso.

**«Salvação»** (Dar a), expr. reg. Saudar qualquer pessoa, nas comunidades rurais. Em caminhos escuros não o fazem.

**Sentimentos**, expr. reg. Equivalente a *pesar*, quando exteriorizam a tristeza pela morte de alguém. Numa velada nocturna ouve-se com frequência, quando alguém entra na sala mortuária doméstica, uma voz alta dizer assim: «Dou os meus sentimentos às pessoas da família». E, se não tiver lugar ali, senta-se na soleira da porta.

**Sentina-na-horta**, expr. reg. Embora raramente, ainda se vê um casinhoto de madeira, aberto superiormente e com um pano na entrada. Não tem fossa. Uma calote de talha, com a

boca voltada para cima, faz a vez de sanita. No fundo ou no solo existe um sulco por onde corre a imundície, que ali consideram «adubo», quando a água por ele corre, ou quando Deus manda a chuva. Então, a água que vai regar a terra por meio de regueiras — ou sogas —, adrede feitas e desfeitas, passa obrigatoriamente por estas sentinas. Actualmente, existem naquela comunidade de Varela e Outeiros várias casas-de-banho com chuveiro e água canalizada, privada e com fossa. Já há, ali, água tratada e canalizada, para fontanários públicos (plano de fomento municipal, com o apoio da população e do Estado).

**Serapilheira-gabardina**, s. c. Usam-se no trabalho, não só para se protegerem da chuva mas também para facilitar o carrêgo de qualquer carga. Caindo sobre as costas, o fundo da «saca» é acertado, conicamente, no alto da cabeça.

**Sesta**, s. f. Os trabalhadores rurais têm o direito de gozar a sesta após o almoço, durante 2 horas, no período compreendido entre 25 de Março e 8 de Setembro (quase toda a Primavera e Verão). É uma instituição tradicional, que se mantém.

## T

**Taberna**, s. c. Sendo o lugar onde são vendidos vinhos, aguardentes, cervejas e refrescos, é separada da mercearia, nem que seja por uma vedação em madeira (movível, para o caso da incompatibilidade de horários: taberna e mercearia). Como indicativo, pode ter simplesmente um galho de pinheiro, na frente alta. Um garrafão vazio, nesta dependurado, diz-nos que ali se vende vinho. A taberna privada só vende vinho, em cascos, e dele extraídos a retalho, à medida das necessidades (ou do vício...) dos deliciados e loquazes bebedores.

**Tegeladas** («tigeladas»), s. c. Doce regional dos Outeiros, fabricado em casa, pela sra. Virgínea do Carmo, que nos forneceu, gentilmente, a receita (SÓ PARA NÓS — atenção!). Ei-la: «1 l de leite (que é adicionado quando o doce vai para o forno), 15 ovos (batidos com farinha, açú-

car e casca de limão: durante três quartos de hora, sem parar — safa!), 300 gr. de farinha, 1,200 kg de açúcar, uma caixa de limão. São precisas tegelas de barro grosseiro, baixas. Aplica-se a propriedade distributiva da divisão ao doce..., nas tegelas, após terem estado de molho e terem sido limpas. Então, forno com elas... (12 tegelas), durante três quartos de hora; mas, à medida que vão entrando no forno são regadas com a calda. Esta operação é delicada, por causa da elevada temperatura fornecida. Então, a sra. Virgínea (é a viúva do sr. Marmelo, o tanoeiro) resolveu o problema: um púcaro atado num pau contém a calda.

**Tendal** (Escolha de), expr. reg. Acção de separar, na pá comprida de madeira, pelo vento barlaposto, a folha da azeitona, ficando aquela no tendal (panos de serapilheira, ou de tenda, estendidos no chão e apoiados, lateralmente, em duas varas, perpendiculares a uma escada, deitada de cutelo, e que se dirigem obliquamente ao chão). A cesta de asa escolherá, então, a azeitona que vai ser transportada à arca, onde o rodo a acamará, separadas por camadas de sal (o salpico) que a apertará.

**Terras-de-pão**, expr. reg. Primeiras terras cultivadas, mesmo sem terem descoberto ainda nascentes (a água era acarretada das ribeiras), destinadas à produção de milho e centeio. Um exemplo, entre muitos: — A localidade de Varela e Outeiros, quando, com dois vizinhos (duas famílias: parteira-prática e cesteiro, respectivamente) iniciou o seu longo caminho comunitário (vai para 200 anos).

**Testada**, s. c. Corda de esparto que une os chifres do boi, pelo têsto. É a sogá (por onde podem ser guiados).

**«Torre»**, expr. reg. e hist. Significava, ao tempo, «casa alfa», na sua acepção histórica de casa importante com torre de menagem (mensagens, sinais, etc.) e vigia. Referimo-nos à Idade Média europeia. No caso vertente, citamos, como exemplo: «Torre de Langalhão», «Torre da Murta», na freguesia de Pias. Ainda existe a torre de menagem da «Torre de Langalhão» — a parte restante encontra-se enterrada. O pórtico e o braço da

vetusta «Torre de Murta» encontram-se, segundo a História, no «Museu Arqueológico do Carmo».

**Trabalho-contra-trabalho**, expr. reg. É um traço cultural comunitário, aplicado aqui quando há necessidade. Trata-se do elemento socio-cultural ajuda-mútua, que vai explicado na letra A deste Vocabulário Regional.

**Trapeira**, s. c. É um funheiro antigo, construído por uma abertura quadrangular sobre uma semi-talha de barro, que é coberta por um disco movel, em cortiça, accionado no interior por meio de uma vara descansando num prego da parede. Por baixo do funheiro estende-se um lajeco.

**Travincula**, s. c. Instrumento para apertar cargas, formado por uma fibra, rija e bastante maleável, com argola.

**Tripeça**, s. c. Consultar a letra C deste Vocabulário Regional.

## U

**Utilidade**, s. abs. Traço cultural, muito remoto, que leva a guardar tudo o que possa vir a ter, ainda, qualquer utilidade, mesmo por transformação: antigas bacias-de-cama, que são actualmente odoríferos vasos-de-flores, embelezando a varanda; inúmeras

trancas; um barão que se encontra no chão, por exemplo. Ouvimos de um trabalhador rural a seguinte frase: «As vezes damos um pontapé num barão, na rua, e, quantas vezes, precisamos dele quando vamos trabalhar». Ou, então: «Guardo este saco de plástico, para levar nele sal ao trabalho». «Tudo é aproveitado: nada se perde».

## V

**«Vai nascer aí uma figueira»**, expr. reg. É pronunciada quando alguém topa numa pedra.

**Varreiro**, s. c. Endireitador de varas, que é um aparelho muito simples, constituído por um tronco cilíndrico de árvore, móvel, que é enterrado na sua base. Tem duas ranhuras, ou mais, nas quais funciona horizontalmente a zona da vara a ser trabalhada. Pode ter um reforço de folha da Flandres. Em tempos, este trabalho era feito numa fenda das velhas e carcomidas oliveiras. As varas trabalhadas são colocadas, ou negociadas, na Sertã e em Alcobaça.

**Vivos (Os)**, s. c. São todos os animais domésticos, com excepção da vaca, boi e cavalo.